

TEMPO EM MANAUS  
 NUBLADO A  
 PARCIALMENTE  
 NUBLADO  
 MÁXIMA:  
 35°C  
 MÍNIMA:  
 24°C

Diretor-Executivo: Otávio Roman Neves

www.emtempo.com.br

Preço R\$ 2,00

Manaus, domingo, 08 de outubro de 2006 - ANO XVIII - Nº 5.723

COTAÇÃO DO DÓLAR  
 COMERCIAL  
 compra  
 R\$ 2,1570  
 venda  
 R\$ 2,1590  
 Presidente: Hermenegildo Junqueira

# Amazonas Em Tempo

## Parte I

# Aliança entre conhecimento tradicional e biotecnologia

Mario Christian Meyer

**P**or mais de 15 anos, vimos buscando incessantemente – em parceria com instituições/organizações Internacionais, como a UNESCO, Européias como a Comissão Européia, Francesas como o *Collège de France* ou a *Sorbonne*, Brasileiras como o INPA ou o Centro de Biotecnologia da Amazônia, com Organizações indígenas como a FEPI, bem como com indústrias de ponta – encontrar a forma mais pragmática de salvaguardar e valorizar a rica biodiversidade Amazônica e Atlântica e o que resta do valioso conhecimento indígena brasileiro ameaçado de extinção.

Como resultado destes esforços, concluímos que a forma mais viável de salvaguardar essas riquezas únicas do planeta, oferecendo ao mesmo tempo condições dignas de existência a essas populações nativas da floresta, consiste em criarmos uma **aliança inovadora** e revolucionária entre os **conhecimentos tradicionais** e as **biotecnologias**. Os **conhecimentos tradicionais**: porque representam o primeiro passo, *in situ*, do conhecimento ancestral – empírico – dos **recursos genéticos da floresta**. As **biotecnologias**: porque constituem o instrumento ideal que o mundo moderno desenvolveu para valorizar a **biodiversidade**. Hoje o modelo está disponível.

**Como o Índio poderá utilizar uma biotecnologia para criar bio-produtos?**

Muitos se perguntam: **será o Índio capaz de utilizar uma biotecnologia?** Da resposta do homem branco (sua confiança) a esta pergunta crucial dependerá em grande parte o sucesso da preservação e da exploração racional da biodiversidade amazônica e atlântica.

Temos constatado nos últimos anos, e principalmente nesta última missão, que muitas autoridades políticas e empresariais de alto porte, com quem tive inúmeras e veementes discussões e que certamente se reconhecerão na leitura deste artigo, têm um conhecimento parcial da realidade indígena e consideram que os Índios já perderam o conhecimento que tinham da Natureza, das plantas medicinais... Muitos dos que estão lendo estas linhas pensam da mesma forma. Torna-se assim vital **pontuar!** É verdade que a maioria dos Índios que se encontram nas proximidades das cidades já estão aculturados e que, face ao poder da cultura dominante, não estão mais em condições de “exercer” a sua identidade *Índia*. Fazendo uma análise rápida e obrigatoriamente



Pr. F. Bourgaud, Dr. Benoit, Pr. E. Gontier e Pr. M.C. Meyer nas estruturas da PAT

incompleta, é verdade que muitas pessoas acreditam que os Índios só sobreviveram graças à FUNAI, e que muitos outros crêm que se não fosse o “paternalismo” de algumas ONGs eles já teriam desaparecido. Porém, é fundamental lembrar que os Índios, antes da chegada dos Conquistadores, já viviam aqui há pelo menos 11 000 anos (desde o paleolítico superior). E sobreviveram, por milênios, sem a ajuda de quem quer que seja, num dos meios mais arriscados e hostis do planeta, em grande parte pelo conhecimento afinado das plantas medicinais que lhes permitiram sanar as incontáveis agressões que o meio lhes infligia. Hoje ainda, estima-se que **10% dos cerca de 358 000 Índios do Brasil** (<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/indio/numeros.html>; estimações do ISA: 350 à 550 mil) ainda vivem em contato com o homem branco e em perfeita harmonia com a Natureza, mantendo a integridade de seus conhecimentos tradicionais: chamam-se os “*Índios isolados*”. É um **caso único no mundo!** Provavelmente, pelo menos

outros 30%, com contatos ocasionais com a civilização “branca”, guardam um conhecimento preservado das suas culturas ancestrais e dos recursos naturais, como pudemos relatar em forma de inventários detalhados num trabalho que realizamos para a UNESCO (MEYER, M. C., *Amerindian Communication and Sustainable Economic Development Programme for a Culture of Peace in Brazilian Amazônia*, Report of Activities and Evaluation, UNESCO, 2000-2003, 250p.)

Os que já visitaram as comunidades indígenas do alto dos afluentes do rio Amazonas, como o Alto Javari, depois de Atalaia do Norte, a última cidadezinha onde ainda existem alguns brancos, ou como o Alto Tiquié, antes de chegar à Colômbia... estes conhecem os *Índios* em questão e seu potencial.

Os *Índios isolados* podem ainda merecer a denominação de “*Príncipes da Floresta*”. As comunidades indígenas que mantêm um alto grau de preservação psico-cultural têm por

vocação tornarem-se os “*Guardiões da Biodiversidade*” no contexto da PNB - Política Nacional de Biodiversidade, e poderão aspirar a manter a denominação de “*Doutores da Natureza*” (não há espaço aqui para citarmos o inventário que fizemos de todas as contribuições do Índio à ciência, como a *creptina*, *pilocarpina*, *quinina*, *tubocurarina*, *emitina*, *captopril*... ou à indústria, como o látex da *hevea*...).

Mas, para tanto é necessário que atuem rapidamente, pois o contato com o homem branco (e não com o melhor representante da nossa espécie: madeiros ilegais, garimpeiros com mercúrio...) é inexorável!

Neste sentido, tudo indica que a **única forma de preservar o que resta da inestimável cultura indígena**, face à poderosa civilização branca, consiste em fornecer ao Índio os instrumentos da tecnologia moderna que lhes servirá de escudo protetor ao mesmo tempo em que lhes fornecerá a possibilidade de exercer uma função digna dentro da sociedade contemporânea: em troca, o seu saber enriquecerá assim certos aspectos da biotecnologia e ele se tornará mestre em alguns tipos de bio-produtos que correspondem aos anseios e demandas da sociedade contemporânea. Esses bio-produtos terão, pelas nossas parcerias com centros de excelência tecnológicos e com organizações como a UNESCO, um **selo de qualidade, de respeito da propriedade intelectual e de partilha equitativa dos benefícios**.

Para efetivar esse intercâmbio e a bio-produção pelo Índio, criamos uma metodologia prática denominada *Cogni Índios*, que associa determinadas **práticas da mitologia indígena** relacionadas à biodiversidade com determinados **processos da biotecnologia**. Analisamos assim a perfeita correspondência que existe, por exemplo, entre o mito indígena “O timbó e a origem da água” e a biotecnologia que desenvolvemos “PAT (*Plantes à Traire* = Planta a ordenhar)” ou “*Milking Plant Technology*”. De tal forma que os Índios já produziram uma espécie de biotecnologia empírica aplicada as plantas medicinais, bem antes que esta palavra existisse.

**PARTE II no próximo caderno: “Como o resgate cultural pode ajudar o Índio aculturado e a nossa sociedade” e “Empresários/Industriais e Comunidades da floresta com o mesmo objetivo: Biotecnologia inédita ao alcance do Índio e com alto valor agregado para a bio-produção”**

**Mario Christian Meyer é Professor, Doutor, Presidente do PISAD (Programa Internacional de Salvaguarda da Amazônia, Mata Atlântica e Ameríndios para o Desenvolvimento Sustentável) – Paris, em parceria institucional e financeira com a UNESCO - Programa 00 BRA 603: “Amerindian Communication and Sustainable Economic Development Programme for a Culture of Peace”; Professor Convidado junto à Universités de Paris - Sorbonne e Membro Titular da Société de Médecine de Paris**